



SUJEITO E LINGUAGEM EM PIERRE LÉVY, MICHEL FOUCAULT E NO ROMANCE VIDAS SECAS

Silvon Alves Guimarães¹, Natália Cristina Souza Pereira²

¹Instituto Federal de Goiás-Câmpus Jataí/silvonguimaraes@hotmail.com

²Instituto Federal de Goiás-Câmpus Jataí/nataliacristina.pacto.gov@gmail.com

Resumo:

Este artigo apresenta uma discussão bibliográfica acerca da constituição do sujeito de linguagem, na perspectiva de Michel Foucault e Pierre Lévy. Partindo do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, esta reflexão traz à tona os desafios de pessoas que, de uma forma ou outra, ficam impedidas do acesso aos códigos de linguagem e, portanto, se vêem alijadas da vida social. Buscamos, por meio desta pesquisa, os elementos para problematizar e compreender melhor o que vem a ser esse sujeito da linguagem, o que o fez nascer, o que lhe é dado a conhecer e quais são os meios disponíveis, os instrumentos à sua disposição que lhe permitem conhecer o mundo, relacionar-se com ele e conhecer a si mesmo. Desta forma, percebemos que a linguagem é acima de tudo uma função. Essa função possibilita não somente a representação do pensamento, mas também a comunicação entre os seres humanos, formando o sujeito com sua identidade.

Palavras-chave: linguagem; sujeito; identidade.

1. Introdução

Enquanto estava parada, a cachorra Baleia¹ dirigia “as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folhas a gaiola” do amigo. Fabiano também às vezes sentia falta do papagaio e logo lhe batia no peito um remorso por ter se alimentado do bicho. Mas a situação era que ali no lugar em que estavam não havia alimento, e quando a fome apertou não viram outra saída a não ser comer a ave. Sinhá Vitória, que tomou a iniciativa de preparar o papagaio, se justificava “declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo” (RAMOS: 1996, p. 11). Assim, a linguagem ou a falta desta, foi o fator de justificativa para a morte da ave. Quem menos tem domínio sobre a linguagem menos valor como sujeito possui, é o que percebemos neste relato.

Com uma paisagem seca e a ausência de contato com outros seres humanos, Fabiano e sua família vivem em pleno isolamento e transformações pessoais. Até mesmo a forma como Fabiano, na condição de vaqueiro, delimita sua vida ao contato com os animais, o que acaba

¹ No romance *Vidas secas* de Graciliano Ramos, é contada a história de uma família de retirantes, inicialmente composta por seis membros: Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, a cachorra Baleia e o papagaio. O romance tem sido dividido por alguns críticos em três partes: Fuga, permanência e fuga novamente.

por torná-lo um bruto, ausentando-se cada vez mais da comunicação; quase não falava, apenas resmungava e emitia sons monossilábicos e guturais. Tal comportamento também pode ser observado no restante da família, em que se percebe a quase inexistência de diálogos. É como se não falassem por não haver assunto ou como se as palavras não fossem interferir na sua condição de retirantes pobres. A falta de comunicação entre eles era tamanha, que o papagaio, ave que sempre copia e reproduz o que ouve, só se pronunciava com latidos, pois só ouvia a cadela Baleia.

No romance *Vidas secas* de Graciliano Ramos, fica evidente a marginalização causada pela quase ausência da linguagem em Fabiano e sua família. O autor traz à tona uma discussão sobre a presença da quase ausência da linguagem na construção sócio cultural dos personagens, podendo representar muitos outros atores da vida real, no contexto de cultura fechada na qual estão inseridos, bem como da cultura aberta que os oprime justamente por não dominarem a linguagem verbal.

A linguagem se constitui no eixo de tudo, porque é pela linguagem que nos expressamos em nossas interações sociais, construímos nossas significações, nossos discursos, nossas representações, ou seja, a linguagem é condição essencial de constituição do sujeito. Portanto, nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar uma discussão acerca da constituição do sujeito de linguagem, uma vez que este se dá na e pela linguagem.

De acordo com Bakhtin (1990), o sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, suas produções discursivas resultam deste mesmo processo no qual o sujeito internaliza a linguagem e constitui-se como ser social. A escassez de linguagem produz o que alguns estudiosos chamam de fenômeno de emudecimento. No caso de nossos personagens analisados, apesar destes viverem em uma sociedade moderna que propicia novos avanços e descobertas, eles vivem também a opressão de um mundo hostil, em que se veem alijados da vida social, com vários conflitos internos na busca incansável pela totalidade do ser e na tentativa de alcançarem uma autonomia. Talvez por conta dessa situação a que estejam expostos, eles tenham se tornado personagens calados que se deparam com o desafio de decifrar o mistério dos códigos, dominar o universo dos signos, ou seja, de se comunicarem pela linguagem verbal, pelo discurso.

Em meio a estes espaços discursivos em que a linguagem emerge, podemos nos questionar sobre a formação do ser sujeito, tendo como ponto de partida o domínio dos códigos de linguagem: que sujeito é esse que será formado? Como a linguagem possibilita uma relação com o mundo, tornando-o um ser histórico e social? Para Orlandi (1987), ao

produzir a linguagem, o sujeito também se encontra nela produzido e, desse modo, acredita ser um sujeito único. O acontecimento envolvendo o papagaio e a tentativa de Fabiano e sua família alcançarem uma autonomia, por meio das palavras, mostra-nos que, mesmo inconscientes, eles intuem sobre o poder da palavra, o domínio de uma linguagem como meio essencial de enfrentamento da injustiça social que os marginaliza, e os mantém presos a uma cultura fechada e de ordem circular.

2. A relação sujeito/linguagem

Na obra *As palavras e as coisas*, Michel Foucault² considera como questão central o entendimento “sobre o ser do homem e sobre o ser da linguagem” (FOUCAULT: 1999, p. 468). O objetivo é investigar a relação existente entre linguagem e sujeito, entre o ser ontológico e o ser da linguagem, entre as palavras e as coisas. Acima de tudo, ele fará uma relação do desenvolvimento da linguagem ligada a uma noção de sujeito próprio da modernidade.

A noção de sujeito-empírico, para Foucault (1999), foi sendo processada paralelamente com o desenvolvimento da linguagem. Portanto, podemos perceber que essa questão tem como fundamento uma noção de sujeito bem particular, que compreende esse sujeito como tendo sido forjado pelas estruturas que possibilitam as condições, as leis, as normas que regem e tornam possível o desenvolvimento da linguagem, o conhecimento do mundo empírico e, por consequência, o conhecimento de si.

Em *Vidas secas*, Fabiano e sua família se deparavam com vários conflitos internos na busca de uma identidade do ser sujeito e na tentativa de alcançarem uma autonomia que na visão deles só seria possível se eles fugissem da situação de obscuridade em que viviam. Aos poucos os personagens fazem questionamentos inevitáveis quanto ao sentido de sujeito que lhes era atribuído. Fabiano, por exemplo, admira a inteligência de seu Tomáz da Bolandeira e quer ser como ele, ter habilidade com as palavras. Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, são seres semimudos, fechados na ignorância e no analfabetismo. Para eles, o mundo à sua volta é incompreensível e as palavras sem sentido. Ramos (1996, p. 84) narra assim um dos poucos diálogos entre os meninos:

Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. (...) Puseram-se a discutir a questão intrincada.

² Foucault sempre se manteve inclassificável, e isso se deu por conta da pluralidade dos temas abordados no interior da sua vasta obra. O tema da linguagem é central em seu pensamento, principalmente no que concerne a relação desta com o sujeito. É esta relação entre sujeito e linguagem que procuraremos utilizar neste artigo.

Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes as coisas ficavam distantes, misteriosas. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

Os personagens de *Vidas secas*, sem o saber, procuram entender a relação do ser sujeito com o ser linguagem, atribuindo a esta última um valor imensurável no reconhecimento da primeira. Em Foucault (1999), encontramos os elementos para problematizar e compreender melhor o que vem a ser esse sujeito, o que o fez nascer, o que lhe é dado a conhecer e quais são os meios disponíveis, os instrumentos à sua disposição que lhe permitem conhecer o mundo e se relacionar com ele e conhecer a si mesmo.

3. Tecnologia, palavra e memória

De acordo com Pierre Lévy³ (1998), as tecnologias intelectuais têm um papel fundamental no estabelecimento dos referenciais intelectuais e espaço-temporais da sociedade humana; ou seja, todas as formas de construção de conhecimento estão estruturadas em alguma tecnologia. O pensamento, portanto, não poderia pertencer a uma entidade unificada; não existe um centro ordenador em torno do qual giram tecnologias intelectuais, mas a existência desta é devido a um efeito da ação de coletivos heterogêneos. Desta forma, quando o sujeito está exposto a diferentes tipos de linguagens, ele conseqüentemente desenvolverá um tipo de lógica, de estilo e de organização do pensamento que sejam inerentes àquela exposição.

A formação do sujeito emerge a partir da relação do movimento, ou seja, da existência contínua, e não de uma essência permanente. Diferente dos estudiosos que apontam o humano, a linguagem e a sociedade como pontos de partida, Lévy (1998) ressalta que todo sujeito, ao ser analisado, revela-se como proveniente de uma rede de conexões com múltiplas entradas, composta por uma série de elementos heterogêneos ligados à memória. Tomando como exemplo a comunicação oral, Lévy (1998, p. 14) argumenta que “a interação das palavras constrói redes de significação transitórias na mente de um ouvinte”.

Quando ouço uma palavra, isto ativa imediatamente em minha mente uma rede de outras palavras, de conceitos, de modelos, mas também de imagens,

³ Em sua obra, Pierre Lévy, transcorre sobre as tecnologias da inteligência e sobre as diferentes técnicas utilizadas pela humanidade. Aponta ainda, que as inovações técnicas possibilitam o aparecimento de determinada cultura e que não haveria ciência moderna sem impressão, nem computador pessoal sem microprocessador, portanto as utilizações em rede semânticas das tecnologias de inteligência é que possibilitam a formação de uma identidade do sujeito.

sons, odores, sensações proprioceptivas, lembranças, afetos, etc. Por exemplo, a palavra "maçã" remete aos conceitos de fruta de árvore, de reprodução; faz surgir o modelo mental de um objeto basicamente esférico, com um cabo saindo de uma cavidade, recoberto por uma pele de cor variável, contendo uma polpa comestível e caroços, ficando reduzido a um talo quando o comemos; (...) A palavra maçã está no centro de toda esta rede de imagens e conceitos que, de associação em associação, pode estender-se a toda nossa memória.

A seleção da área de conhecimento que é ativada está diretamente relacionada, portanto, com o contexto. Ao citar o exemplo da palavra maçã, Lévy (1998, p. 14), raciocina que diferentes áreas seriam evocadas se a palavra aparecesse num contexto diferente. Por exemplo, na frase “Isabela come uma maçã por suas vitaminas”, a parte da memória que será ativada diferirá se a frase estiver citando “a maçã da discórdia” ou “a maçã de Newton”. Relacionado com o contexto, então, ocorre a ativação de redes de conceitos, de modelos, de sensações e de lembranças.

A ausência de um contexto de conhecimento, por outro lado, pode ocasionar na formação de um sujeito com a identidade fragmentada. Fabiano, Sinhá vitória e seus filhos, por exemplo, sofrem essa anulação do ser sujeito⁴, devido à ausência de uma linguagem verbal fluente, sendo incapazes de compreender o mundo e seus significados atribuídos por meio da linguagem. Como resultado, são impotentes diante dos problemas sociais e existenciais. Ramos (1996, p. 59-60) apresenta como esta situação foi perturbadora para o menino mais velho:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria invejoso. _ Inferno, inferno. Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim.

Se por um lado ocorre a fragmentação do sujeito pela falta do domínio da linguagem, observamos também o fenômeno da coisificação ao contrário, pois aqueles que são normalmente transformados em coisas - os ágrafos, pobres, deficientes e de etnia considerada inferior; neste caso, são os que submetem o outro à coisificação, não no sentido de inferiorização, mas no sentido de lhes serem desconhecidos e por isso mesmo superiores ou coisas estranhas.

⁴ A fragmentação da identidade dos personagens pode ser vista até mesmo em seus nomes. Fabiano e Sinhá Vitória não tem sobrenome, enquanto que o menino mais velho e o menino mais novo nem nome possuem.

De acordo com Freud (1969), a representação de objeto, também chamada de representação da “coisa”, faz parte de um processo associativo, em que diferentes elementos, visuais, acústicos, táteis, cinestésicos e outros, estão em interação para formar o ser coisificado, ou seja, a identidade se estabelece no cruzamento de nosso aparato psíquico e a realidade externa. Portanto, se por um lado, os que dominam a linguagem se tornam sujeitos, se tornam também coisas aos olhos dos que não dominam a linguagem.

Em sua obra *Jamais fomos modernos*, Bruno Latour⁵ (1991) propõe que o mundo das representações modernas, em que há uma separação entre objetos e sujeitos, seja abandonado e se busque entender a interação que ocorre no mundo fazendo com que surjam os híbridos, que são os quase-objetos ou quase sujeitos. Para Latour (1991), não faz sentido o processo de transformar um ser humano em coisa, pois ele acredita que essa seja uma interação existente de forma natural. Não existe a natureza de um lado e a sociedade de outro. Objeto e sujeito não constituem pólos distintos. Não se deve pensar em uma pura liberdade da existência humana e em objetos prático-inertes. Todo sujeito tem um pouco de coisa e toda coisa tem um pouco de sujeito em si.

Os processos de formação psíquica, segundo Lévy (1998), estruturam-se em um espaço possível de se estabelecer significados, proporcionando a construção de identidade, identificação e atributos. Portanto, as pessoas não se relacionam apenas no espaço físico, mas também em espaços que possuam uma significação. A memória, neste caso, forma uma rede de conexão que personifica o sujeito e o provê de uma visão de mundo em que o que lhe é desconhecido ou não entendido torna-se um objeto, uma coisa, que pode assumir várias formas diferentes, mas nunca a sua forma pessoal.

4. As tecnologias da inteligência e a noção de linguagem

As tecnologias da inteligência, para Lévy (1998), são resultado da evolução biológica da espécie humana, que tornou possível o desenvolvimento da nossa habilidade de idealizar ações futuras e seu resultado acerca do meio externo. Esta habilidade é a consequência da interação ou, como diz Lévy (1998, p.43), da formação de uma rede entre a “experiência acumulada, a imaginação e a manipulação”. Assim, torna-se evidente que os pensamentos que formam o ser sujeito ocorrem pela utilização de alguns modelos concretos, muitas vezes de

⁵ Bruno Latour sustenta que jamais fomos modernos no sentido de que na prática, o sistema moderno de representação do mundo nunca funcionou de acordo com as separações que instituiu.

origem técnica, que possibilitam, ou condicionam o aparecimento de uma determinada (nova ou antiga) forma cultural. Lévy (1998, p. 4) cita que

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das Telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada.

As tecnologias intelectuais são distinguidas, por Lévy (1998, p. 11), em etapas correspondentes, chamadas por ele de “os três tempos do espírito”: a oralidade, a escrita e a informática. A maior parte do conhecimento que utilizamos em nossa vida diária é recebida de forma oral, através das histórias de pessoas, de famílias, de governos ou empresas. Portanto, Lévy (1998, p. 51) explana que “dominamos a maior parte de nossas habilidades observando, imitando, fazendo, e não estudando teorias na escola ou princípios nos livros”.

A memória, com as novas tecnologias intelectuais, passa a ser acionada de maneira extremamente objetivada, mas em dispositivos automáticos, fazendo com que vigore uma “perspectiva operacional” em que “o saber informático não visa manter em um mesmo estado uma sociedade que viva sem mudanças e se deseje assim” (LÉVY: 1998, p. 73). O conceito de verdade, deixa de ser uma questão fundamental, cedendo lugar à mobilidade, à flexibilidade, à transitoriedade, à operacionalidade e à velocidade. Resumidamente, as três etapas são assim descritas:

Sob o regime da oralidade primária, quando não se dispunha de quase nenhuma técnica de armazenamento exterior, o coletivo humano era um só com sua memória. A sociedade histórica fundada sobre a escrita caracterizava-se por uma semi-objetivação da lembrança, e o conhecimento podia ser em parte separado da identidade das pessoas, o que tornou possível a preocupação com a verdade subjacente, por exemplo, à ciência moderna. O saber informatizado afasta-se tanto da memória (este saber “de cor”), ou ainda a memória, ao informatizar-se, é objetivada a tal ponto que a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e velocidade. (LÉVY: 1998, p. 73).

As técnicas (em qualquer época) de processamento e armazenamento de informações e conhecimentos tornam possíveis determinadas evoluções culturais. Toda técnica, portanto, é produto de uma sociedade e de uma cultura e, por isso, carrega imbricados em si projetos, implicações e expectativas variadas e historicamente datadas.

As tecnologias da inteligência possibilitam a expansão das formas do saber ao longo dos tempos. Esta expansão viabiliza uma mudança na concepção sobre a produção e manutenção do conhecimento e, conseqüentemente, sobre a formação do sujeito. Todas as

“antigas” tecnologias intelectuais estão, portanto, sobrepostas no estabelecimento dos espaços e tempos da sociedade humana. Desta forma, vimos que a “linguagem e a técnica contribuem para produzir e modular o tempo” (LÉVY, 1998, p. 46), para produzir o ser sujeito e estruturar “profundamente nosso uso das faculdades de percepção, de manipulação e de imaginação” (LÉVY, 1998, p. 98).

Na corrente filosófica existencialista, o sujeito era o criador de sentido, ele se valia da sua liberdade angustiante frente ao mundo para dar significado a si, ao próprio mundo, às coisas e a toda a sua existência nadificante. Contrário ao existencialismo, o estruturalismo pensará esse sujeito sob a matriz da estrutura, ou seja, pensará o sujeito a partir daquilo que o precede, e que o constitui, levando em consideração as condições necessárias ao conhecimento. Sobre esse pensamento, Foucault (1999, p. 504-505) observa que,

Dir-se-á, pois, que há ciência humana, não onde quer que o homem esteja em questão, mas onde quer que se analisem, na dimensão própria do inconsciente, normas, regras, conjuntos significantes que desvelam à consciência as condições de suas formas e de seus conteúdos.

Para Foucault (1999), era evidente que só se podia falar do homem a partir daquilo que o constitui e, portanto, o precede, ou seja, partindo da estrutura, começando das condições de possibilidade do conhecimento. Desta forma, para se pensar o sujeito a partir do estruturalismo e, sobretudo, a partir de Foucault, em *As palavras e as coisas*, faz-se necessário pensar, problematizar o que vem a ser tais condições de possibilidade do conhecimento e o que estas condições geram, como por exemplo, a linguagem, pois ambas, a noção de sujeito e a da linguagem estão implicitamente ligadas e por sua vez ligadas sob a égide da estrutura.

O sujeito para Foucault (1999) é datado, ou melhor, é recente e tem um fim próximo: “Pode-se estar seguro de que o homem é aí uma invenção recente”. E ainda mais: “pode-se apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto na areia” (FOUCAULT, 1999, p. 536). Ou seja, por mais clara que seja a opção para Foucault, mais controversa ela se apresenta. É como se para falar do nosso objeto (da coisa) fosse antes necessário destruí-lo, reduzi-lo.

5. Metodologia

Neste trabalho buscamos compreender, através da pesquisa bibliográfica, os questionamentos que envolvem a formação do ser sujeito, a partir da visão de Pierre Lévy, especialmente expressa em sua obra *As tecnologias da inteligência*, em que o autor apresenta

o desenvolvimento do pensamento humano na era da informática e como esse mundo globalizado com sua tecnologia tem afetado a identidade do sujeito.

Utilizamos como base de nossa pesquisa, também, a obra de Michel Foucault *As palavras e as coisas*, em que ele busca compreender a formação do sujeito a partir da linguagem. Foucault buscou entender como se deu o desenvolvimento da linguagem, podendo, por fim, problematizar a relação do sujeito com o mundo pelo seu desenvolvimento em dominar os códigos próprios da linguagem.

O nosso ponto de partida foi o romance de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, que apresenta uma narrativa de uma família de nordestinos que, na luta pela sobrevivência à seca, se veem diante da necessidade de compreenderem os códigos da linguagem, para que possam ter uma identidade própria.

Utilizamos o diálogo entre esses três autores para, por fim, compreendermos a importância que a linguagem assume na produção do ser sujeito, no estabelecimento de uma identidade particular que é própria da modernidade. Recorremos, também, a outros teóricos, que discutiram a formação do sujeito pela apropriação da linguagem e neste trabalho apresentamos o resultado deste diálogo.

6. Resultados

Ao chegarmos neste ponto da pesquisa bibliográfica que empreendemos, percebemos que devemos buscar compreender, ao analisar a relação sujeito/linguagem, não somente o que é a linguagem, enquanto formadora das ciências do homem, mas procurar entender como de fato a linguagem se voltou para o homem, para o ser finito e gerou um ser sujeito com uma identidade própria. Pelo que parece, a linguagem operou no que tange ao homem, um movimento reflexivo no qual o próprio homem foi posto diante de si, como aquele que vislumbra o seu rosto no espelho. É nesse sentido que a linguagem parece reveladora do homem moderno que passa a vislumbrar, por meio dela, ou pela falta dela, a sua própria finitude e aquilo que lhe está dado a conhecer. Foucault (1999, p. 468) diz com respeito ao ser da linguagem e ao ser do homem o seguinte:

Mas pode ser também que esteja para sempre excluído o direito de pensar ao mesmo tempo o ser da linguagem e o ser do homem; pode ser que haja aí como que uma indelével abertura (aquela em que justamente existimos e falamos), de tal forma que seria preciso rejeitar como quimera toda a antropologia que pretendesse tratar do ser da linguagem, toda concepção da linguagem ou da significação que quisesse alcançar, manifestar e liberar o ser próprio do homem.

Não se pode negar que entre a linguagem e o sujeito exista uma relação inerente. A linguagem torna possível conhecer o mundo, a si, representar o pensamento, ter ciência da sua condição, da sua finitude. Esta relação entre o ser sujeito e o ser da linguagem revelou que este homem em questão é em toda a sua empiria finito e que, por sua vez, o seu conhecimento é também limitado. A linguagem é o único meio disponível para se chegar a certo conhecimento do homem enquanto sujeito, e do mundo enquanto fenômeno, como diz Foucault (1999), entre as palavras e as coisas, há a linguagem.

Para o personagem de *Vidas secas*, Fabiano, o pouco conhecimento da linguagem possibilitou que ele tivesse ciência de si como sujeito inferiorizado. Seguindo o pensamento de Lévy (1998) podemos dizer que a linguagem e a técnica se relacionaram e formaram a identidade dele, Fabiano, como sujeito. E como ponderou Foucault (1999), a relação sujeito/linguagem revelou a Fabiano a sua condição finita: julgava-se bicho.

_ Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.
Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.
Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:
_ Você é um bicho, Fabiano.
Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.
Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.
_ Um bicho, Fabiano. (RAMOS: 1996, p. 18).

A linguagem, portanto, por mais simples que seja, provém do conhecimento de uma técnica e esse conhecimento é enunciado pelo sujeito que é ao mesmo tempo seu enunciador e enunciado. A linguagem permite ao homem a ordenação e a representação do pensamento. Portanto, é impossível falar do homem sem falar antes da linguagem, pois não é o homem que pensa a linguagem, é a linguagem que pensa o homem, é ela que diz o ser do sujeito, pois sem ela todo o acesso ao mundo estaria fadado à incomunicabilidade do universo fechado e desconhecido. Podemos acrescentar ainda que os homens, uma vez moldados pelas coerções sociais, são moldados tal qual a linguagem de que eles fazem uso para construir imagens de si e da comunidade linguística à qual pertencem.

7. Considerações finais

No primeiro capítulo de sua obra, Foucault (1999, p. 5) faz uma análise⁶ do quadro “As meninas” de Velásquez⁷, concluindo que “nenhum olhar é estável”, podendo facilmente ocorrer, entre “o sujeito e o objeto, o espectador e o modelo”, uma inversão de seu “papel ao infinito”. Ocorrendo, portanto, uma representação da representação. Representações serão sempre datadas. Carregam sempre a marca da sua indelével contemporaneidade. Nada mais são que registros na memória. Nesse processo infundável de tudo representar, de atribuir significado, cabe tudo, as ciências, as divagações, a imaginação e a manipulação, pois ligado à linguagem está o fundamento da cultura, a formação do ser sujeito.

A relação sujeito/linguagem está para além do homem. É preciso considerar que na cultura recente o homem foi colocado como o centro de tudo, e é aí que se centraliza a questão sujeito/linguagem, na história da cultura do olhar sobre as coisas e sobre nós mesmos. Trata-se, portanto, de fazer uma crítica sobre nosso olhar, nosso modo de ver e organizar o mundo, de ter ciência de onde vieram e de como foram forjados os nossos conhecimentos acerca de tudo o que nos rodeia. No fundo, podemos concluir que toda a nomeação do sujeito perpassa pela necessidade de deixar a marca como ser finito.

Portanto, o conhecimento não está de repouso, encontra-se em uma transformação constante. Com os recursos das novas tecnologias de inteligência, o conhecimento pode ser separado das pessoas e coletividades que o haviam segregado, depois recomposto, modularizado, multiplicado, difundido, modificado, mobilizado à vontade. Contudo, para que esse conhecimento da linguagem possa ter um efeito de (re)construção da identidade do sujeito, torna-se necessário que o acesso a ela passe a ser de forma seletiva e instantânea, ou seja, que se busquem apenas as informações que são utilizáveis num dado momento, assim como também é necessário organizar, elaborar, dar significado às informações selecionadas.

Fabiano e sua família se destacam justamente por tentarem resistir à angústia de uma realidade brutal e, mesmo que não consigam evitar a fragmentação de suas identidades pelo não domínio da linguagem, esses personagens não se anulam, procuram ter uma compreensão do mundo que os cerca com sua linguagem complexa e excludente, procuram introduzir aos poucos, em suas vidas, essa nova tecnologia capaz de reconstruir suas identidades como ser sujeito.

As palavras de sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra,

⁶ Além de Michel Foucault, o quadro *As Meninas* também é analisado por Jacques Lacan e Antonio Quinet.

⁷ *As Meninas* é uma pintura de 1656 de Diego Velásquez, o principal artista do Século de Ouro Espanhol. Ela está atualmente no Museu do Prado em Madrid.

porque não sabia como ela era nem onde era. (...) e andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. (...) Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. (RAMOS: 1996, p. 126)

Observando a citação acima, notamos que vagarosamente os personagens vão construindo imagens sobre suas vidas. Essa construção se utiliza de todo um arcabouço memorial que, relacionado com as tecnologias do presente, possibilita aos personagens terem uma imaginação sobre si e, ao mesmo tempo, fazerem uma manipulação de sua identidade como ser sujeito. Segundo Stuart Hall (2003, p. 39), “psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus (...) fantasiados da plenitude’ do ser sujeito. Assim, temos que a linguagem é acima de tudo uma função. Essa função possibilita não somente a representação do pensamento, mas também a comunicação entre os seres humanos, formando o sujeito com sua identidade.

8. Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. In: E.S.B., vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1987.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 71ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.